Pepetela

O Cão e os Caluandas

romance

5.ª edição

DOM QUIXOTE

Dedicatória pública:
Para a Mena

Dedicatória confidencial:
Para a Mena
— que viu a toninha um dia
ao olhar o espelho

AVISO AO LEITOR

As cenas que se vão narrar passaram no ano de 1980 e seguintes, nessa nossa cidade de Luanda. No século passado, portanto. Século sibilino.

Peço esforço para compreenderem a linguagem, que é a da época em que aconteceram os casos. Os que conheceram o cão pastor-alemão deixaram os documentos escritos ou gravados, que me resumi a pôr em forma publicável. Foi preciso um inquérito rigoroso, muitas solas gastas, a procurar as pessoas e, sobretudo, convencê-las a falar, a escrever, ou a darem-me na candonga fotocópias de documentos. O pouco conseguido aí está. E ficou guardado muitos anos na gaveta, por promessa feita a alguns dos informadores benévolos. Hoje, passado tanto tempo, será difícil descobrir a maior parte dos narradores. Há pessoas mal intencionadas que só lêem livros para neles encontrarem alusões a conhecidos. Mas aqui os segredos ficam resguardados. E mesmo os herdeiros não me podem vir exigir os direitos de autor, o que é uma vantagem.

Trata-se pois de estórias dum cão pastor-alemão na cidade de Luanda. Também se trata duma toninha, ser todo de espuma, algas como cabelos, que talvez só tenha vivido na minha cabeça. E na do cão, claro. Será mesmo só isso? Responda o leitor.

Mais previno que qualquer dissemelhança com factos ou pessoas pretendidos reais foi involuntária.

Calpe, ano de 2002.

O Autor

TICO, O POETA

O cão olhou para mim e mexeu a cauda. Era grande e bonito, um canzarrão simpático. Mas se via comia muito. E nesse tempo de crise, nem que tinha carne para mim, quanto mais... Passei de lado. Cada um na sua vida!

Ele veio atrás. Cruzei a Mutamba, desci prá Baixa. Esqueci o bicho. Mas quando olhei para trás, ele vinha. Que raio! Será que animal vê nos olhos da gente quando o apreciamos? Como uma garina que ao lhe lançarmos uma mirada de fogo bate com os olhos, captando?

Nos tempos, um cão desses eu tinha medo: boca capaz de abraçar uma perna. Mas ele nada mostrava de maldade, nada mesmo. Os olhos eram alegres, a cauda a mexer, caminhando no meu cheiro.

Foi aí que dei encontro na tia Alice. Devia de andar fazer compras, pois que carregava um cesto vazio. A senhora travou-me logo:

Xê, Tico. Tás fazer o quê?

Nada. Passear.

O cão parou atrás. Ficou de longe a cheirar a tia Alice, focinho no ar, sem aproximar.

— Quando que começas a trabalhar?

Não há trabalho, tia Alice. E para mim não pode ser trabalho qualquer.

Menino, deixa de mentiras. Um rapaz novo, cheio de força, não tens trabalho? Não queres, masé. Uma vergonha! A tua mãe é que faz tudo.

— Ora, ela tem boa profissão, de kitandeira. É o que dá mais, nestes tempos de agora. Eu estou sempre à procura, mas nada.

— És um parasita. Como se diz no jornal.

— Devagar, devagar, tia Alice.

— Porque não vais colher café então? Parece falta muita gente para trabalhar no café.

— E deixar a Lua? Tia, deixe esses campunas ir no café, eu sou rapaz da cidade. Com estudos, segundo ano do Liceu, um intelectual revolucionário... Até tenho um poema publicado no jornal.

A velha muxoxou. Mas não tinha palavras para continuar a ofender, o meu verbo fácil arrumou-a. Olhou o cão. Mudou de assunto.

— Onde é que arranjaste?

— Bonito, não é? Engraçou comigo, está andar a seguir-me.

— Hum! Quem lhe dá de comer, és tu?

Não. Travámos conhecimento agora.

— Deixa desses conhecimentos e vai masé trabalhar. Ou então vai na tropa, já tens idade.

— Hi, na tropa? O meu tio João Domingos fez a guerrilha contra os tugas. Catorze anos na mata. Já chega, a família lutou muito.

— Contigo não dá mesmo para conselhar. Vou nas compras.

Vai encontrar?

— Disseram-me ali tem uma bicha. Vou ver o que está andar a sair.

— Ali na esquina?

Sim, atrás do Banco.

— Geleiras, já vi.

— Geleiras? Sukua! Não tenho luz em casa.

— Compre na mesma, tia. Dá pra guardar os sapatos enquanto não tem a luz.

— Sempre a brincar, não é? Julgas eu vim do mato ontem? Meu pai já nasceu nesta cidade de Luanda...

— E queria que eu fosse para o mato, hein, tia? Tá embora ver que não posso? Sem mais, camarada, me permita me despeço.

E deixei a velha no passeio, a abanar a cabeça. Mania que essas

velhas de agora têm de dar conselhos. O cão cheirou mais a tia Alice, deu uma mirada no cesto vazio, apostou em mim. Estás mal, canzarrão, essa velha tem mais comida que eu, pois que não vou a casa. Se queres vir, mesmo assim, podes vir, até dá banga passear com um cão desses pela Baixa. Nos tempos, só os brancos que andavam com um mamífero atrás. Mas agora é a independência, até um patrício já pode.

Pensei então mas o assunto dá para um poema. Cruzei a Marginal, sentei-me num banco à sombra duma palmeira, matutando. O cão sentou logo no chão, ao meu lado.

Era isso. Agora, com a abolição das classes sociais, ao que diziam, não havia mais diferenças. Por isso mesmo um patrício podia ter um cão desses, que dantes só os brancos e polícias podiam ter. Porque o patrício tinha enriquecido? Não, mas porque o cão se tinha proletarizado. Recordei uma passagem de Marx lida no jornal: sociedade de proletários. O cão, que nos tempos era burguês, agora tinha virado proleta, talvez porque o dono bazou na Melói. Podia ser meu. Dava mesmo para um poema revolucionário.

O bicho se chegou mais e fiz uma festa na cabeça. Juro mesmo ele estava a sorrir.

Cão, nem sei o teu nomefalei então.Mas vê-se mesmo és o resultado da luta de classes. Operariócamponês versus pequena-burguesia. Não confundir versus, que é grego, com versos, que é poesia, o meu forte. Só sabes morder, abanar o rabo, versus para ti é latinório! Quer dizer agueineste, topas? Portanto, tu perdeste a casa, a paparoca, tudo. Agora és vadio, proletário. Mergulhaste no seio do povo explorado cinco séculos. Vais virar um tipo faine, um operariócamponês. Amanhã vou te ler o poema, vais gostar.

O cão parecia compreender. Mexia a cabeça para cima e para baixo, no ritmo mesmo da minha fala. Mas a beiçola estava sorrir.

Levantei. Adiantei na Marginal, tentando boleia nos carros. O dedo ficava espetado no ar, inútil, azarado. Nenhum que parou. Esses condutores de agora são uns egoístas, julgam que dão boleias a uso? Só se for uma garina a mostrar a perna. Aí deixam as marcas

dos pneus no chão a chiar com os travões, mesmo se ela diz quero ir em Benguela eles dizem logo era aí até que eles iam, só o tempo de pegar a mala em casa. Claro que na Corimba páram o carro com uma avaria, uns vivaços! Mas eu fiquei feito parvo, e se não tivesse motor nos pés, nunca que chegava na Ilha. Assim fomos os dois, o cão sempre pensativo nos seus pêlos.

Entrámos num restaurante da Ilha. Ninguém que implicou com o bicho. Estava a contar o dono vinha pôr o cão na rua, mas nada. Depois compreendi: da maneira que os fregueses se coçavam, as pulgas eram da casa. Não adiantava, mais bicho menos bicho.

Era a moda nacional: quem queria beber cerveja tinha de encomendar a especialidade da casa, arroz-com-peixe-frito. Mandei vir o almoço e os três finos a acompanhar. Derrotei os três finos, o prato pus no chão e o cão varreu o arroz. Naquela confusão da casa, os clientes botavam queriam mais finos, mas o dono era durão: cada três finos um prato de arroz-com-peixe-frito. Hesitei com as minhas notas, isto é da minha mãe, olhei o cão que já lambia os beiços, deitado, mandei vir mais uma dose. Repetimos a cena: os finos para mim, o prato para o bicharoco. Lá se foram os kwanzas da velha. Também era só o tempo de ela vender três montinhos de tomate, quatro tomates pequenos cada montinho. A vida estava boa para nós.

Saímos do restaurante, bem almoçados, os dois a arrotar. Avançámos um pouco mais e deitámo-nos na praia, à sombra. O mar ainda não estava bravio como ao entardecer, fazia um ronron de gato que puxava o sono. Eu e o meu cão proleta adormecemos.

Quando acordei, aí prás quatro da tarde, o cão não estava. Olhei à volta. Nada. Assobiei. Idem. Procurei pela praia toda, até nas sombras das cada vez mais raras cazuarinas. Onde foi o diabo?

Até hoje ando à procura dele. O sacana era masé um lumpen, abancou o meu almoço, dormiu, quando acordou foi à vida. Sem despedir. Um parasita, um explorador. E eu, Tico, um intelectual revolucionário, não fiz o tal poema que pensei. O sacrista não merecia, continuava com a mentalidade de burguês, inimigo de classe

dum operariócamponês como eu, cinco séculos explorado. Filho de cobra é cobra!

Chega-lhe, camarada escritor? Mais também não sei contar sobre esse cão pastor-alemão. Pode agora escrever, mas igualito como contei. Igualito.

A BUGANVÍLIA 1

A buganvília continua a crescer.

Apareceu no alpendre ao lado da casa, mesmo por baixo do meu quarto e ninguém sabe como. O António diz que deve ter sido cortada antes do pai comprar a quinta e ter ficado alguma raiz. Eu vi o primeiro ramito aparecer. Era tenrinho, de um verde-tenrinho. Mais tarde cobriu-se de espinhos. Outro raminho surgiu e depois mais outro.

Desde o principio, o Lucapa, o nosso pastor-alemão, tem horror à buganvília. Não é por causa dos espinhos, pois já antes de ela ter os espinhos o Lucapa a odiava. Passava de lado e ladrava para ela. Um dia tentou mesmo esmagar com as patas o único raminho que na época ela tinha. Várias folhas foram arrancadas e ficaram espalhadas pelo chão. O ramo ficou estropiado, mas sobreviveu.

O Lucapa contempla a sua impotência e ladra. Creio que protesta para um ponto qualquer no futuro.

O PRIMEIRO OFICIAL

Sim, claro que estou disposto, camarada escritor. Nada que me custa. Dá-me a escolher entre escrever e falar? Eu falo e você grava. Muito melhor, ponha o gravador a funcionar que eu conto. Afinal já está? O camarada é um vivaço, não fica à espera das autorizações. Isso de escrever não, estou farto de escrever lá na Repartição: recibos, folhas de efectividade, dispensas de serviço, requerimentos, pareceres, protocolos, ofícios... Não é que não tenha minha queda prás letras, até que tenho... Mas falar é mais fácil, mais agradável, mais africano, sobretudo com uma cuca à frente. Vai mais uma? Pode-se servir, tenho um esquema para conseguir as que quero. Oh, é muito simples. Conto mais isso? É que eu julgava que só íamos falar do cão... Bom, também não me custa. Malandro, não é?, o camarada também quer entrar no esquema. Seja! Lá na fábrica de cervejas tenho um cliente. Coisa de nada. O rapaz estava atrapalhado, precisava dum papel da Repartição, aí combinámos: arranjei-lhe o papel em dois tempos e ele passa-me duas grades de cerveja por semana. Grátis, grátis, claro. O papel também foi de borlex e salvou-lhe a vida, ou quase. Sem esse papelito, nenhuma transferência para o exterior e ele tem a mãe na Melói, deve mandar-lhe dinheiro todos os meses. Compreende? Como eu mando no serviço, sim, mando no serviço, porque isto de ser primeiro-oficial é um cargo importante... Mais do que se pensa, nós somos os que ficamos na sombra, parece que não valemos nada, mas afinal nada se faz se não quisermos. O chefe bem pode barafustar, mas um papel esquecido na gaveta e acabou, tudo emperra, o assunto não se resolve. Como dizia, eu é que mando realmente no serviço, por isso consegui arranjar imediatamente o documento. O chefe olhou-me de lado, a desconfiar, mas eu sou muito diplomata e relembrei-lhe umas operaçõezitas nada católicas que

ele tinha feito ou deixado fazer, vai dar ao mesmo, bastou dar-lhe a entender que me lembrava delas e zás, a assinatura do chefe estava lá no papel. Bendita assinatura, vale-me duas grades por semana. Oh, também tenho um esquema para a carne, o peixe, as verduras, a roupa... Porque essas lojas oficiais não têm nada. Entro nos nossos tempos, não estamos no socialismo esquemático? Estou bem governado, a minha mulher não entra numa bicha, não. E agora já esquematizei para um aparelho de televisão. A cores? Ainda não, ainda ando pelo esquema nacional, não entrei na importação.

Mas falávamos sobre o cão... É curioso como descobriu que conheci esse cão. E note que ele não tinha nada de especial, contei o caso várias vezes e como as pessoas são invejosas, talvez por isso se lembrem e lhe disseram. Pois era, sim senhor, um pastor-alemão. Uma beleza, fala-lhe quem percebe de cães, cães e papéis é comigo. Daqueles cães que serviam na polícia, dizem que também no exército colonial para apanhar os guerrilheiros feridos... Mas este não estava treinado, se via. Gostava de bater a Mutamba, talvez por haver muita gente e poder apanhar umas boleias.

Pois saía eu do meu serviço, a pasta debaixo do braço, quando tropecei nele. Assustei-me, porque não confessar? Mas ele não mostrou rancor. Olhou-me só. Assobiei de admiração. Bonito bicho! Pois bem, ele seguiu-me. Habitualmente apanho ali mesmo o maximbombo. Mas nesse dia estava cansado de aturar esses tipos todos que nos vão chatear na Repartição, a exigir que uma assinatura seja feita em menos dum mêsveja lá, como se usássemos chancela!as mulheres a berrar abaixo a burocracia, que sabem eles disso, diga-me lá, uns camponeses ignorantes que apanharam a boleia da independência para viver numa cidade, a confundirem ordem com burocracia... A burocracia é reprovável, lembro-me dum escrito de Lenine sobre o assunto, mas a ordem é necessária. E boas maneiras... Mas esta gente de hoje já esqueceu a exploração colonial, julgam que têm todos os direitos, mesmo de terem as coisas mal as pedem, como se no tempo colonial fosse diferente... E devemos confessar (pois a sinceridade é o primeiro princípio do marxismo e informar com ver-

dade é fazer a Revolução), devemos confessar que os tugas lá nisso de administração sabiam fazer as coisas. Eu aprendi com eles e não tenho vergonha de o dizer. Dava trabalho, às vezes um gajo bravava mesmo, mas era preciso. Os papéis sempre direitinhos, as cópias certinhas, o classificador geral em ordem, os arquivos especiais, etc., tudo bem ordenadinho, limpo, sem uma ressalva, bem agrafados ou furados, enfim, um gosto, um prazer, um orgulho de profissão... E as pessoas devem esperar, pois claro que devem esperar, também não têm mais nada para fazer pois não trabalham, andam só nas bichas e arrumar e classificar tudo como deve ser leva o seu tempo e se nos começam a gritar mais depressa, mais depressa, acabamos por nos enervar e estragamos tudo. Mas essa gente não percebe nada da arte de governar um país, pudera, a maior parte veio do mato agora ou do Zaire, e só chateia... E um kota fica com o saco cheio, os nervos estoiram, pontadas na cabeça...

Assim sal eu da Repartição nessa sexta-feira à tarde. Por isso resolvi não me meter no maximbombo, mas antes desanuviar os miolos mexendo as pernas. Tanto mais que no dia seguinte não ia trabalhar... Como? Feriado? Não, nada disso. É que não vou trabalhar no sábado de manhã. As 44 horas semanais? Faço quarenta e já chegam muito bem. Na segunda-feira assino o livro-de-ponto do sábado, o chefe fecha os olhos. Possas, as quarenta horas semanais são um direito dos trabalhadores, julga que não conheço a maka que passou no Primeiro de Maio lá nos Estados Unidos? Andaram a politizar-nos para quê então? Se aqui voltaram atrás e acrescentaram mais quatro ao horário, isso é lá com eles do Governo, não tenho nada com isso, mas não cumpro. E o chefe não diz nada. Sabe? É mulato, tem medo de mim que se péla. Por isso não abre os olhos, ou faz por fechá-los. Quando me chatear, acuso-o de pequeno-burguês e fica à pega com o resto dos funcionários. A coisa de que um mulato tem mais medo é de ser acusado de pequeno-burguês. Então não são?

Como estava contando, choquei com o cão e segui. Ele colou-se a mim. Sempre na esteira. Atravessei ruas, acelerei o passo, voltei para trás, e ele sempre. Não me largou. Concluí que não tinha dono

e pus-me a pensar que podia aproveitá-lo para guarda. Com os ladrões que há aí, um cão grande é sempre uma garantia. A minha barona não se ralaria, pois vivia no terror de ser roubada. Tinha de quê: durante estes anos, juntámos umas coisitas lá em casa e aqueles momentos de confusão de antes e logo depois da independência não voltam mais, em que um vivaço podia arrecadar umas coisas dadas de presente pelos colonos em pleno bazanço. Tinha mudado para uma vivenda na Cabral Moncada, coisa boa, casa de burguês, quintal à volta. Num apartamento é que um cão desses é chato. Além disso, para os miúdos era uma alegria. Ia pois reflectindo nas vantagens de o adoptar. Quanto à comida, bem, era só apertar mais com o esquema da carne, essa importada da Argentina tem tantos nervos e gordura que uma parte ia sempre pró lixo... Podia ficar com o bicho.

Cheguei a casa e ele aceitou entrar. Nesse fim-de-semana ficou lá. Dormiu na varanda, pancava que nem um elefante, em dois dias o pêlo estava mais lustroso. Engraçou com os miúdos que sábado e domingo só brincaram com ele. Dei-lhe o nome de «Leão dos Mares», um nome cheio de força, original até. E eu estava contente com o meu cão pastor-alemão. Sobretudo porque a vizinhança enciumou; escondiam, mas era evidente. Nenhum deles tinha um cão assim. Vinham até visitar-me só para ver o bicho. Todos concordavam que era o mais bonito da cidade. Onde o arranjei, se tinha comprado, se no Lubango, perguntas um monte, ciúmes bué. Fiquei mesmo orgulhoso. Porque realmente não fiz nada para apanhar tal cão. Encontrou talvez em mim uma pessoa à altura para ele, alguém que se sabia fazer respeitar. Os cães são assim, conheço-os bem. Gostam de quem tem qualidades de chefe, de quem lhes dá segurança.

Vai mais uma cuca? Ó Minga, traz embora duas cervejas. Geladas, bem geladas, a partir dentes... Pois bem, estava a dizer? Ah, sim... A vizinhança enraivada nas escondidas, os miúdos contentes, a Minga nem se fala, enfim. Só que, depois de uns dias, comecei a achar que o Leão dos Mares não parecia nada guarda. De dia brincava com os miúdos, à noite dormia. Nunca ladrava. Nem um gato passava pelo quintal à noite para o obrigar a ladrar? Não era isso, ele é que

se estava nas tintas. Os dias foram passando e eu a observar o bicho. Pacífico, simpático, brincalhão com as crianças. Tão amigo de todos que até deixava os monas da vizinhança virem roubar as mangas do meu quintal. Aí bravei. Já era demais. Comia a minha comida e não servia para nada. Amarrei-o com uma grande corda à mangueira. De dia ficaria amarrado, à noite ficava solto. E carreguei-lhe no jindungo na comida do almoço. Na passagem lhe conto que tive de vuzumunar umas chapadas num dos miúdos que protestava contra a prisão do cão. Pois é, esses kandengues de agora, com as porcarias que andam a aprender na escola e nas ruas, já refilam com os pais: que o povo tem o direito à palavra e eles são o povo. Veja lá! Na minha casa, não. Eu falo e o resto ouve. Quem traz o dinheiro para casa? Quando eles ganharem o seu sustento e tiverem uma mulher em quem mandar e bater, então aceito que venham discutir comigo. Antes não, sou eu o chefe. Com este feitio enérgico é que subi na Repartição, se fosse um mole, um pau-mandado, ainda hoje era escriturário-dactilógrafo de segunda, como na altura da independência. Zangulei pois uma porrada num dos miúdos para mostrar quem era o soba, o bando aquietou-se. E o cão lá ficou amarrado mesmo à mangueira, enquanto eu fui trabalhar. O Leão dos Mares não refilou, ficou só amarrado a olhar-me.

Durante a tarde, lembro-me ainda muito bem, discuti com o Américo, meu colega e amigo, sobre o cão. Dizia o Américo que o comportamento do Leão dos Mares se explicava facilmente. Ele não sentia ainda a casa como sua, cão vadio da cidade, habituado a apanhar comida de qualquer maneira, a conhecer todos os dias gente diferente. Por isso era normal deixar entrar todas as pessoas na minha casa, não sabia que uma casa era propriedade privada. Era um cão socialista, isso de propriedade privada não era nada com ele. Gozei o Américo, que apesar de bom moço é um pouco estreito de vistas, demasiado teórico. Arrebentei com os argumentos dele imediatamente, fazendo uma análise profunda, das minhas. O cão tinha masé um complexo de culpabilidade, porque tinha sido certamente utilizado pelos colonos para guardar as suas casas. Com a indepen-

dência, compreendeu que estivera do lado errado. Agora exagerava, tudo por causa do seu complexo de culpa. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Eu ia endireitá-lo, mostrar qual era o seu papel de cão. E, Américo, não venhas com essa de que ele não tinha nascido no tempo dos tugas, nunca ouviste falar da memória genética, da memória da raça? Se o chefe não viesse, a discussão não ia mais parar. Esse Américo é assim, bom moço mas teimoso como ele só. Teve até a lata de dizer que isso de memória genética era teoria nazi, sem saber que eu tinha lido num livro para crianças que comprei para os meus filhos. Ele vê política em tudo, lá porque o Leão era de raça alemã, já queria misturar nazismo na discussão. Enfim, creio que lê demais. Nunca há-de subir no serviço. Mas isto para mostrar que eu estava admirado com a atitude do Leão dos Mares e disposto a educá-lo correctamente.

Pois é. À noite soltei-o. Ficou a dormir na varanda, como sempre. No dia seguinte de manhã tinha desaparecido, o ingrato.

Vi-o várias vezes na Mutamba, a apanhar as suas boleias. Mas sempre que me aproximava dele, bazava a sete pés. Um sacana dum ingrato! Há muito tempo não o vejo, parece que mudou de bairro. Ou morreu atropelado! É o destino de qualquer pessoa ou bicho que passa a vida nas ruas, com esses condutores de agora que imitam os cães, sempre à procura dum poste onde poisar uma roda do carro.